



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12124 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação

QUANDO OS JOVENS PROTAGONIZAM O PRÓPRIO DESPOTISMO

Sérgio Feldemann de Quadros - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

QUANDO OS JOVENS PROTAGONIZAM O PRÓPRIO DESPOTISMO

Flexibilizar tem sido o mote principal de reformas que vão desde regulamentações trabalhistas até o currículo escolar. A reforma do ensino médio, sancionada por medida provisória logo após o golpe empresarial/parlamentar de 2016, foi característica desse contexto e teve forte influência do empresariado. Assim, este texto tem como objetivo analisar o projeto empresarial para a juventude da classe trabalhadora com foco nos discursos e nos dispositivos em torno da noção de protagonismo juvenil, proposto pelo empresariado e posto em marcha na reforma, além da sua relação com as mudanças no mundo do trabalho – reestruturação produtiva e toyotismo – e seus impactos para a educação.

Trata-se de uma síntese de resultados de uma pesquisa documental de mestrado e resultados parciais de uma pesquisa de doutorado. Foram analisados documentos normativos e legislativos da Reforma, as audiências públicas da MP746/2016 e documentos oriundos das fundações e institutos empresariais, com foco no Instituto Unibanco e no Todos Pela Educação.

A crise estrutural do capital dos anos 1970 solapou o compromisso fordista e o consenso keynesiano do pós-guerra e culminou em um processo que Harvey (2012, p.140) denominou de acumulação flexível, que se apoiaria na “flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo”, registrando alterações significativas no gerenciamento da produção, na financeirização da economia (HARVEY, 2012) e nos padrões de vida e de consumo, impactando inclusive a organização

da classe trabalhadora (BIHR, 1998). O toyotismo foi o modelo de produção de massa que veio para responder às necessidades da acumulação flexível. Se caracteriza como uma forma de organização do trabalho que nasce na Toyota, no Japão pós segunda guerra mundial, e se propaga pelas grandes companhias do mundo (ANTUNES, 2009), implicando em inovações no metabolismo social por meio de um cultivo intenso e sistemático de valores, princípios, imagens e signos (ALVES, 2011).

Embora se caracterize mais por elementos de continuidade do que de ruptura em relação ao fordismo/taylorismo, sobretudo por não alterar a forma de ser do capital, a empresa ‘enxuta/flexível’ modifica muitos aspectos da engrenagem e dos mecanismos da acumulação, “com fortes consequências na subjetividade do ser social que trabalha”, envolvendo novos elementos ao fenômeno da alienação e do estranhamento, “por meio da identificação das personificações do trabalho como personificações do capital”, moldando o campo do trabalho sob uma aparência mais ‘participativa’ e ‘envolvente’ quando comparada ao modelo fordista/taylorista (ANTUNES, 2018, p. 117), impactando o mundo educacional, no qual a reforma do ensino médio é exemplar desse contexto.

Sancionada por meio de medida provisória, essa reforma se caracterizou por fortes aspectos de flexibilização, se identificando com as propostas das instituições privadas e com a lógica de mercado, alterando a estrutura curricular e orientando a concepção de formação dos jovens por meio de noções e dispositivos como competências socioemocionais, projetos de vida, protagonismo juvenil, *accountability* etc., consolidando um novo ‘processo de subjetivação’, no sentido de “discursos e práticas de socialização, pelos quais um ser humano pode se transformar em sujeito” (SILVA et al, 2021, p.77).

A Reforma compreendeu o protagonismo juvenil como a “espinha dorsal do Novo Ensino Médio”, ao estimular “o jovem a fazer escolhas, tomar decisões e se responsabilizar por elas”, por meio “da **escolha orientada** do que querem estudar” (BRASIL, 2018a, p. 3; 6, grifo meu); exigindo a inclusão nos projetos pedagógicos das escolas participantes da portaria 1023/2018, vinculando às competências socioemocionais e aos projetos de vida (BRASIL, 2018b); e se identificando com os slogans da propaganda oficial do MEC: “é a liberdade que você queria para decidir seu futuro” (propaganda veiculada na rede de televisão).

A noção de protagonismo, que já circulava no discurso empresarial e foi aplicado a reforma, desloca o jovem de uma posição de beneficiário passivo para uma posição de participação ativa e, ao se reportar ao conceito de forma imprecisa, reproduzem uma “estratégia, ou uma peculiar operação discursiva, de fabricação” de consensos em torno do modelo societal, tratando a questão da participação e do engajamento do jovem como algo individual a ser construído para a convivência harmoniosa em uma sociedade de indivíduos atomizados (SOUZA, 2009, p. 3).

No âmbito da influência dos novos modelos gerenciais na educação, semelhante ao que ocorreu com a nova gestão empresarial pela captação dos desejos e angústias dos

trabalhadores, colocando a subjetividade à serviço da empresa (GAULEJAC, 2007), a iniciativa e a revolta estudantil parece estar sendo tensionada para fins que corroborem com o projeto neoliberal: o ‘protagonismo juvenil’ passa agora a ser incentivado, porém o conteúdo e a forma são moldados pelos atores que muitas vezes na história foram alvos dos estudantes, o Estado e o empresariado.

Se no modelo fordista/taylorista o despotismo era mais explícito (no sentido de uma aparência autoritária, vide o modelo panóptico) na conformação do trabalhador para a venda de si no mercado, no toyotismo as novas técnicas de ‘gestão de pessoas’ e o léxico que acompanha (colaboradores, parceiros, empreendedores, etc.) procuram, por meio de um ‘envolvimento incitado’, interiorizar nos empregados as personificações do capital, convertendo os trabalhadores ‘voluntariamente’ em **déspotas de si mesmo** (ANTUNES, 2018, grifos meus). A nova pedagogia do capital, em seu regime de acumulação flexível neoliberal, procura formar os jovens da classe trabalhadora aos moldes desse auto despotismo. Ainda, busca naturalizar sua condição social no seio da crise estrutural do capital e suas consequentes vicissitudes do mercado de trabalho, por meio de dispositivos de ‘escolha’ e de um ‘protagonismo orientado’ nos seus ‘projetos de vida’.

Palavras-chave: Acumulação Flexível; Reforma do Ensino Médio; Protagonismo Juvenil; Projeto de Vida.

Referências

ALVES, G. **Trabalho e Capital:** o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital São Paulo: Boitempo, 2018.

BIHR, A. **Da Grande Noite à Alternativa:** O movimento operário europeu em crise. São Paulo: Boitempo, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de implementação do novo ensino médio.** Brasília, DF: 2018a. Disponível em: <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/guia>> Acesso em: 03 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria 1.023**, de 4 de outubro de 2018. Estabelece diretrizes, parâmetros e critérios para a realização de avaliação de impacto do Programa de Fomento às Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral – EMTI e seleção de novas unidades escolares para o Programa... *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 04 out. 2018b. Seção I, p. 17.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**. São Paulo, Editora Idéias & Letras, 2007.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo, SP: Loyola, 2012

SILVA, D. P. *et al.* Matrizes psicológicas da episteme neoliberal: a análise do conceito de liberdade. In.: SAFATLE, V.; DUNKER, C. (orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte, Autêntica, 2021, p.77-122.

SOUZA, R. M. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, SP, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2009.